



AS “NOVAS GUERRAS” E O IMPACTO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS¹

A guerra é elemento perene na relação entre os múltiplos atores do sistema político internacional. No entanto, a sua natureza e dinâmica têm passado por transformações significativas nas últimas décadas, incluindo novos atores, estratégias inovadoras e tecnologias emergentes, com novas formas de conflito – híbrido, cibernético, informacional – que configuram as “novas guerras”.

Especialistas consideram que a guerra é um dos fenómenos mais complexos, relevantes e intrigantes da nossa sociedade.

Entre estes especialistas, Gaston Bouthoul² (1896-1980) elevou mesmo a guerra à condição de “ciência” e deu corpo a um conjunto hermético de definições e conceitos que conhecemos por “Polemologia”, ou seja, o estudo científico, analítico e sistemático da guerra. A obra de Gaston Bouthoul, inicialmente alicerçada numa vertente mais social e sociológica, voltou a ganhar especial atenção e relevo nas últimas décadas, nomeadamente com o surgimento das novas formas e conceitos de guerra – híbridas, cibernéticas e informacionais, designadas por “novas guerras”. Um paradigma que o autor já antecipava de certa forma como fenómeno muito mais complexo e relevante, e que transitou para uma dimensão global, sendo por esse motivo objeto de estudo e instrumento geopolítico de análise nas Relações Internacionais.

Neste contexto, encontramos na literatura moderna todo um corpo de normativos conceptuais e doutrinários sobre a guerra, também no âmbito dos estudos da Ciência Política, Relações Internacionais, da Geopolítica e da Geoestratégia, indo ainda desde a Economia (Economia de Guerra), passando pela Sociologia (Sociologia Militar), para não falar nos múltiplos vetores da Tecnologia Militar. A guerra é, por esse motivo, um elemento perene na relação entre os múltiplos atores do sistema político internacional, e vista, muitas vezes, como um instrumento de coação, negociação, mediação, pressão, e essencialmente de afirmação do poder na sua forma mais militarista, como defendia Colin Grey³ (1943-2020).

Assim, procurando cumprir este desiderato, esta reflexão contribui para analisar a problemática da guerra, nomeadamente a possibilidade de falarmos das “novas guerras”, quer seja mais numa vertente histórica e de Relações Internacionais, ora mais filo-

sóficas e sociológicas ou em áreas das tecnologias de defesa e das técnicas, táticas e procedimentos militares, onde a temática da guerra continua a ser inovadora, desafiante, e relevante no contexto da segurança global.

Para início de reflexão importa saber se a temática das “novas guerras” consubstancia, no âmbito científico, uma matéria relevante e, no contexto académico, um assunto pertinente. E, por outro lado, saber se será relevante alinhar o passado com o futuro e descortinar se foi a guerra que evoluiu na sua essência, ou foi o seu conceito mais polemológico que se alterou. Ou, ainda, se em termos científicos as “novas guerras” nos ajudam a perceber melhor e a descortinar novas ameaças, novos desafios e a prever o futuro em termos de análise estratégica.

Vejamos então o conceito de guerra e das “novas guerras” na sua dimensão mais evolucionista e paradigmática, e procuremos alinhar alguns conceitos e ideias para melhor contextualização do artigo, no qual se reflete sobre as “novas guerras” e o impacto nas Relações Internacionais.

A guerra na versão clássica

A guerra como fenómeno social resulta eminentemente de um desacordo substancial, de uma competição feroz ou da tentativa de salvaguarda da condição, do *status quo* e dos privilégios obtidos. São eminentemente atos racionais, sociais, dinâmicos e reflexivos, que envolvem elevados recursos e que mobilizam substanciais meios humanos, materiais e financeiros.

A guerra pode, igualmente, ser entendida como a continuação da política por outros meios, como salienta Carl von Clausewitz, sendo ampliada na condição de último rácio na defesa da pátria, dos ideais, dos valores e da soberania. É também, por essa via, entendido como instrumento geopolítico e geoestratégico dos Estados e das organizações, ou de atores que não se enquadrando no normativo criado pelas

Escolas de Guerra, vão sendo recorrentemente apelidados de híbridas, irregulares ou transnacionais.

Por esse motivo, as guerras ideológicas, religiosas, intestinais ou “de sangue” são razão e consequência da vontade do ser humano na sua lógica mais profunda, e afirmam-se na convicção moral e na defesa dos valores, das crenças e dos seus interesses perenes. Pois segundo a visão de Clausewitz, a guerra é apresentada como “...um ato de violência para compelir o oponente a fazer a nossa vontade...”, e estas são as guerras que confluem e colocam em presença, cada vez mais, um choque de culturas, religiões e civilizações, na verdadeira assunção do pensamento de Samuel P. Huntington⁴ (1927-2008).

Por este motivo, este paradigma implica, em larga medida, que a guerra seja entendida não apenas como um fenómeno social, mas como um conjunto de fenómenos intrassociais e intersociais e que importa, cada vez mais, estudar, analisar, debater e, especialmente no atual contexto global onde a guerra está presente e condiciona as nossas vidas, efetuarmos uma reflexão académica sobre a guerra clássica e principalmente as “novas guerras”.

Se analisarmos a guerra tradicional e as novas formas de conflito e pretendemos lançar um olhar sobre as guerras do século XXI, verificamos que esta sempre acompanhou a história da humanidade e a história das sociedades, moldando fronteiras, sociedades e principalmente mentalidades, convicções e dogmas. No entanto, a sua natureza e dinâmica têm passado por transformações significativas nas últimas décadas. Enquanto os conflitos armados clássicos eram caracterizados pelo confronto direto entre Estados com forças regulares, os conflitos contemporâneos apresentam-nos novos atores, estratégias inovadoras e tecnologias emergentes, configurando o que muitos autores denominam de “novas guerras”.

Importa, assim, discutir a transição das guerras tradicionais para as novas formas de conflito – híbrido, cibernético, informacional e cultural – procurando compreender as suas implicações para a geopolítica, geoestratégia, a soberania e a segurança global e principalmente, descortinar se existe um nexo entre as “novas guerras” e a guerra clássica.

Até ao século XX, as guerras eram predominantemente travadas entre Estados-nação, e tinham como protagonistas grandes exércitos regulares e uniformizados (normalmente ao serviço desse Estado com vínculos profissionalizados) que desenvolviam o combate em extensos campos de batalha físicos e de acessível percepção táctica, estando alinhados por objetivos políticos ou territoriais definidos, e normalmente empregando regras de empenhamento explícitas (em parte influenciadas, mais recentemente pelo Direito Internacional Humanitário). Estas guerras constituíam uma doutrina no aspeto militar que derivavam do pensamento estratégico de Sun-Tzu, Clausewitz, Liddell Hart (e outros) e que são ainda estudados nas Escolas e Academias Militares um pouco por todo o mundo.

Os exemplos mais clássicos constituem, entre muitas outras, as Guerras Napoleónicas (1799-1815), a I e a II Guerra Mundial, e os múltiplos conflitos regionais com impacto global como a Guerra do Vietname (1955-1975) e, mais recentemente, a Guerra Irão-Iraque (1980-1988). Estes conflitos, ainda que brutais e desconexos, seguiam uma lógica interestatal relativamente clara e estavam articulados segundo as características que abordamos no parágrafo anterior: eram as designadas “guerras clássicas”.

As “novas” guerras e o impacto nas Relações Internacionais

Por outro lado, desde o final da Guerra Fria, observamos uma mudança profunda na natureza dos conflitos e na conflitualidade. As guerras tornaram-se menos frequentes entre Estados (interestatais) e mais comuns em contextos internos (intraestatais), gerando conflitos (e não necessariamente guerras) assimétricos e mais prolongados. Conflitos que envolvem novos atores, novas capacidades e novas táticas e técnicas de combate. Mary Kaldor⁵ (1946-) foi uma das primeiras especialistas a cunhar o termo “novas guerras” para descrever a presença de atores não estatais, como milícias, grupos terroristas e empresas militares privadas.

Estes novos protagonistas estavam associados à fragmentação da autoridade soberana dentro dos Estados e à utilização de tecnologias disruptivas emergentes, tais como satélites, drones e ferramentas de vigilância digital, transportando a conflitualidade e as guerras para as novas dimensões do espaço e do ciberespaço.

“As guerras já não são travadas apenas entre Estados, em campos de batalha delimitados por fronteiras. Hoje, os conflitos explodem em cidades, fluem pela internet, e colocam civis como alvos centrais. As novas guerras são difusas, fragmentadas e pessoais.”

Kaldor, Mary; In “New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era”, 1999.

Neste contexto, surgiu o conceito de “guerra híbrida”, que se refere essencialmente à integração de múltiplas formas de conflito num único teatro operacional que passou a ter cinco dimensões (mar, terra, ar, espaço e ciberespaço). Estes conflitos combinam conflito convencional (militar direto), guerra irregular (uso de táticas de guerrilha e sabotagem), os ciberataques e as campanhas de desinformação (guerra da informação). Englobam ainda uma maior interferência política e económica sobre a guerra, tendo os líderes militares passado a “responsabilidade” das decisões militares para o nível estratégico-político, passando a guerra a ser planeada, coordenada e executada a partir do nível político-estratégico e não do nível estratégico-operacional. Um exemplo notório é o conflito na Ucrânia, iniciado em 2014 com a ocupação da Crimeia, onde a Rússia foi acusada de usar forças regulares sem identificação, designados por “*little green men*”, além de fomentar campanhas de desinformação nas redes sociais e ciberataques contra infraestruturas críticas ucranianas que permitiram, posteriormente, moldar e operacionalizar a campanha ofensiva russa sobre a Ucrânia iniciada em 24 de fevereiro de 2022.

Mas quais são as dimensões e as características estruturais das “novas guerras”? As “novas guerras” caracterizam-se pelo ele-

vado emprego de meios operacionais nas novas dimensões espaço e ciberespaço e, noutra medida, também pelo uso diferenciado das tradicionais dimensões: mar, terra e ar. Um exemplo é a guerra cibernética onde a digitalização da guerra, com recurso à inteligência artificial e mecânica quântica, permitiu a emergência do ciberespaço como campo de batalha. Neste novo cenário, os alvos não são apenas militares, mas também civis, tais como aeroportos, hospitais, redes elétricas e plataformas de comunicação, e as fronteiras do conflito tornaram-se indecifráveis.

A guerra cibernética caracteriza-se, assim, por uma maior dificuldade em atribuir a autoria dos ataques e em identificar quem é verdadeiro inimigo, ou qual é o real teor da ameaça. Por outro lado, assiste-se ao emprego de meios, tecnologias e equipamentos de baixo custo e de fácil aquisição, estando, por isso, ao alcance de grupos pequenos e atores menos relevantes e, ainda, porque o tempo de resposta é quase nulo e os efeitos podem ser massivos e devastadores.

Neste domínio, e mais na vertente aérea, as “novas guerras” caracterizam-se pela introdução no campo de batalha de meios tecnologicamente evoluídos, relativamente baratos e de fácil operação, que não só alteraram as técnicas, táticas e procedimentos operacionais, como alteraram e condicionaram o próprio uso do campo de batalha. Isto refere-se ao uso massivo de drones e às múltiplas missões que lhe estão atribuídas, podendo ser uma arma de reconhecimento e vigilância, ou atuar em operações ofensivas, atuando como vetor explosivo ou munição, onde o poder destrutivo e letal é muito significativo.

Outra vertente das “novas guerras” prende-se com a designada “guerra informacional” (guerra da informação). A disputa por determinadas narrativas e perceções tornou-se central nas guerras contemporâneas, essencialmente nas operações de moldagem e na comunicação estratégica (STRATCOM). Neste contexto, governos e grupos armados usam o ciberespaço e as redes sociais para espalhar propaganda e fazer passar uma narrativa que se constitui relevante na vertente de moldar a opinião pública e os grupos de pressão, em apoio da decisão política.

Por outro lado, procura-se retirar legitimidade aos adversários, desacreditando-os no seu propósito por via da desinformação e da criação de boatos ou notícias falsas



(*fake news*). Numa vertente mais político-estratégica, procura influenciar eleições e decisões políticas, ou mesmo levar à mobilização ou desmobilização das populações para a causa. Esta guerra não se faz com equipamento militar convencional, mas sim com recurso à persuasão e à guerra psicológica, o que substitui a coerção física e a guerra na vertente mais belicista e militar. Mais recentemente, tem surgido o inovador conceito de “guerra cultural”, associada a valores e símbolos que, paralelamente aos conflitos armados, conduz a disputas culturais (por identidade ou territorialidade) que atuam focados no plano simbólico, religioso e identitário. A chamada “guerra cultural” envolve confrontos em torno da identidade nacional e dos direitos civis e das políticas de inclusão, a temática de género e a sexualidade e, muito em voga, as narrativas históricas (e revisionistas) que conduzem ao reacender de conflitos latentes ou congelados. Esta forma de guerra manifesta-se na interação pessoal e na repressão social, tendo muitas vezes presente os direitos das minorias, da liberdade de opção religião e o direito a existir e a afirmar-se, e sustenta-se frequentemente no embate entre uma necessidade de globalização crescente e a vontade da defesa da soberania.

As novas guerras desafiam os marcos legais e éticos tradicionais e consubstanciam uma mudança que é vetorial na globalização e que afeta as organizações, Estados e a sociedade em geral. Esta dinâmica aposta agora num bi-multilateralismo efetivo de cooperação estratégica para operar nas novas guerras – pois que, para problemas complexos são exigidas soluções integradas, e as “novas guerras” são problemas muito complexos que envolvem múltiplos atores, exigindo por esse motivo soluções integradas. Neste contexto, assistimos a um paradigma de “desumanização da guerra”, pois com o uso crescente de drones e inteligência artificial, o distanciamento entre o executor e o alvo aumentou, e o risco é a efetiva desumanização do ato de matar, transformando a guerra numa simulação computacional – o que levanta questões morais e éticas profundas sobre o teor das “novas guerras”.

As próximas décadas deverão consolidar e ampliar essas tendências e as “novas guerras” irão trazer mais desafios e maior complexidade a um fenómeno que deixou de ser perfeitamente compreendido pela Polemologia. Destes novos paradigmas que caracterizam as guerras modernas, salienta-se

o uso massivo de armas autónomas letais e o uso de inteligência artificial estratégica, sendo capaz de planejar, conduzir, operar em cenários de conflito. Salientam-se ainda a conflitualidade pelo controle de dados (acesso à informação nos *data centers* e aos cabos submarinos) e a inteligência geoespacial, entre outros fatores. Por outro lado, as “novas guerras climáticas”, provocadas por escassez de recursos que originam fluxos massivos de refugiados ou deslocados, associando a guerra à perda de segurança humana nas suas múltiplas dimensões, serão uma realidade crescente no futuro próximo.

A guerra contemporânea é um fenómeno complexo, multifacetado e em constante mutação. Ao ultrapassar os limites do confronto físico, ela perpassa o mundo digital, simbólico e psicológico – o que exige novos instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão e gestão. Se no passado a guerra clássica era declarada com trombetas e tratada com tratados, atualmente as “novas guerras” insinuam-se silenciosamente nos nossos dados, nos nossos *feeds* de internet e nas nossas crenças, ideologias e religiões. Entender as “novas guerras” e perceber as suas múltiplas causas e consequências, será talvez o primeiro passo para procurar evitá-las.

Conclusões

A guerra reside no seio da sociedade como um fenómeno permanente, interativo e muito complexo, que coloca, frente a frente, o que o ser humano tem de melhor e de pior. Esta diálise maquiavélica centra-se na luta de vontades e na subjugação pelos interesses, valores ou na defesa da soberania. A guerra projetou-se ao longo dos séculos como um instrumento geopolítico de ajustamento social, de dinamização das técnicas e tecnologia, e de afirmação de vontades político-ideológico-religiosas – em regra em favor dos mais fortes e poderosos, subjugando os mais fracos e imberbes. As “novas guerras”, apresentam-se, depois do período da Guerra Fria, como um fenómeno muito mais complexo, dinâmico e desconhecido, onde a afirmação dos mais fracos contra os mais fortes passou a ser uma característica dos conflitos intraestatais. As técnicas, táticas, e procedimentos, ou seja, a arte operacional alterou-se e transportou-se a guerra para novos domínios (espaço e ciberespaço), dando evidência aos conflitos híbridos e maior protagonismo e mediatismo a grupos terro-

ristas, fações ou movimentos de libertação, bem como atores que são apátridas, sem rosto e que operam numa zona cinzenta e sem regras.

Neste contexto, as Relações Internacionais vêm assumindo grande parte do estudo científico que a Polemologia entendia como estudo da guerra, permitindo uma abordagem mais abrangente, multidimensional e global dos fenómenos da conflitualidade, que tem agora novos atores, novas causas, novas técnicas e táticas, e que consubstanciam o que conhecemos como as “novas guerras”. ●

Notas

¹ Esta reflexão académica resulta de um resumo adaptado da nota de abertura desenvolvida para a 16ª Edição da Revista “HOPLOS” da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Brasil, intitulado “A Guerra Clássica...e as Novas Guerras”, publicado em 03/07/2025, disponível em: <https://periodicos.uff.br/hoplos/issue/view/3239>

² Gaston Bouthoul, o sociólogo francês que fundou a Polemologia, o estudo científico da guerra, foi um jurista e sociólogo, que criou o termo “*Polémologie*”, que propõe uma abordagem científica e sociológica para entender os conflitos armados e a agressividade organizada nas sociedades humanas. Gaston Bouthoul entendia a guerra não como um acidente ou aberração, mas como um fenómeno recorrente e funcional nas sociedades humanas.

³ Colin S. Gray foi um escritor britânico-americano sobre geopolítica e professor de Relações Internacionais e Estudos Estratégicos na Universidade de Reading (UK), onde foi o Diretor do Centro de Estudos Estratégicos. Teorizou sobre o poder dos Estados e definiu uma metodologia de perceção do poder no contexto internacional associado a fatores tangíveis e intangíveis do poder. Foi conselheiro de defesa dos governos britânico e americano, e serviu de 1982 a 1987 no Comité Consultivo sobre Controle de Armas e Desarmamento, tendo publicado 30 livros sobre História Militar e Estudos Estratégicos, bem como artigos sobre a teorização do poder e da guerra.

⁴ Samuel Phillips Huntington foi um cientista político norte-americano influente nos círculos politicamente mais conservadores. Tornou-se conhecido pela sua análise do relacionamento entre os militares e o poder civil, pela sua investigação acerca dos golpes de estado e, principalmente, pela sua polémica teoria do choque de civilizações, inspirada pelo historiador e filósofo polaco Feliks Koneczny, segundo a qual os principais atores políticos do século XXI seriam Civilizações e não os Estados, e as principais fontes de conflitos após a Guerra Fria não seriam as tensões ideológicas, mas as tensões culturais. O conceito do choque de civilizações surge pela primeira vez num artigo publicado em 1993, na Revista *Foreign Affairs*, e veio a revolucionar o conceito das “novas guerras”.

⁵ Mary Henrietta Kaldor é professora de Governança Global e diretora do Núcleo de Investigação em Sociedade Civil e Segurança Humana da *London School of Economics (LSE)*. É autora de inúmeros livros, entre eles: “*The Ultimate Weapon is no Weapon: Human Security and the Changing Rules of War and Peace*” e neste contexto salientam-se especialmente as obras “*New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era*” e “*Global Civil Society: An Answer to War*” (1999).

Referências

- Bouthoul, Gaston (1991). *Elementos de Polemologia*. Paris, Editora Payot, 1951, Biblioteca Científica, 1970, 560 p. ISBN 2-228-88362-X.
- Friede, Reis e COMBAT, Flávio (2019). *Das Novas Guerras: Fenomenologia dos Conflitos Armados*. Editora da Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro. 576 p. ISBN: 978-85-7011-619-2.
- Gray, Colin S. (1988). *The Geopolitics of Super Power*. University Press of Kentucky.
- Huntington, Samuel P. (1997). *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ISBN: 8573021306.
- Kaldor, Mary (1999). *New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era*. Polity Press. ISBN-13- 978074562067.
- Mick, Ryan (2025). *Military Trends to Watch in 2025*. The Interpreter. Disponível em: <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/military-trends-watch-2025>

